

**A TRADUÇÃO DOS NOMES DAS PERSONAGENS BÍBLICAS PARA A LÍNGUA  
BRASILEIRA DE SINAIS: ANALISANDO O MANUAL O CLAMOR DO SILÊNCIO**  
*TRANSLATION OF BIBLICAL CHARACTERS' NAMES INTO BRAZILIAN SIGN  
LANGUAGE: ANALYZING "THE CLAIM OF SILENCE" MANUAL*

*Gabriele Cristine Rech<sup>1</sup>*

**RESUMO**

A Onomástica é uma vertente da Lexicologia que estuda os nomes próprios de pessoas (antropônimos), bem como os nomes próprios de lugares (topônimos). Enquanto campo científico, dialoga com outras áreas do conhecimento, por exemplo, os Estudos da Tradução. As línguas de sinais, tal qual as demais línguas orais, também nomeiam os nomes próprios, em consonância às suas características visuais-espaciais, por meio do que chamamos de “sinais de nome”. A partir de uma vertente exploratória (GIL, 2008), analisaremos 92 sinais de nomes de personagens bíblicas, extraídos do Manual do Clamor do Silêncio (1991), com o objetivo de evidenciar como foram traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Como referencial teórico recorre aos estudos de: Nord (2003), que investiga a tradução de nomes próprios; Bailey (2007), com estudos voltados à tradução de nomes bíblicos; Barros (2018), que propõe uma taxonomia para os sinais de nome na Libras e do antropólogo Assis-Silva (2012), que analisa as práticas religiosas e suas interferências na história da Língua Brasileira de Sinais. A partir das constatações feitas por Barros (2018), a qual identificou uma preferência em atribuir um sinal de nome motivado pelo nome na Língua Portuguesa, acrescido de outra característica física, buscou-se verificar se na tradução dos sinais bíblicos o mesmo aconteceria. Como resultado constatou-se que praticamente todos os sinais de nome utilizam a primeira letra do nome em Língua Portuguesa seguidos de outras motivações como acontecimentos que marcaram a biografia ou o papel/profissão desempenhado pelas personagens analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Onomástica; Antroponomástica; Estudos da Tradução; Sinal de nome; Libras.

**ABSTRACT**

Onomastics is a line of Lexicology that studies people's proper names (anthroponyms), as well as place's proper names (toponyms). As a scientific field, it interacts with other areas of knowledge, such as Translation Studies. Sign languages, in the same way as other oral languages, also have proper names, in line with their visual-spatial characteristics, through what we call “name signs”. From an exploratory perspective (GIL, 2008), we will analyze 92 biblical characters' name signs, extracted from the book Manual do Clamor do Silêncio (1991), in order to show how they were translated into the Brazilian Sign Language - Libras. Regarding its theoretical framework, the paper relies on the studies of: Nord (2003), who investigates the translation of proper names; Bailey (2007), with studies focused on the translation of biblical names; Barros (2018), who comes up with a taxonomy for name signs in Libras, and the anthropologist Assis-Silva (2012), who analyzes religious practices and their interference in the history of the Brazilian Sign Language. Based on the findings made by Barros (2018), who identified a preference for assigning a name sign motivated by the name in the Portuguese language, plus another physical characteristic, we sought to verify whether the translation of biblical name signs would follow the same pattern. As a result, it was found that almost all name signs use the first letter of the name in Portuguese followed by other motivations such as events that marked the biography or the role/profession played by the analyzed characters.

**KEYWORDS:** Onomastic; Anthroponomics; Translation Studies; Name sign; Libras.

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).  
Contato: gabriele@uems.br

## 1 Introdução

A Onomástica é uma das vertentes da Lexicologia que estuda os nomes próprios. Segundo Ullmann (1964, p. 151), “o conceito de nome próprio está assim profundamente arraigado na tradição e na vida diária”, tanto que ao estudá-lo é possível esclarecer aspectos da história política, econômica e social de um determinado grupo. Essa ciência se divide em duas grandes áreas: Toponomástica e Antroponomástica. A primeira diz respeito aos estudos dos topônimos, ou seja, os nomes de lugares. A segunda é a que se ocupa com os estudos dos antropônimos – nomes de pessoas. Para Dick (1992), topônimos e antropônimos “são assim por dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestados nas atividades e posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser através deles, escaparia a gerações futuras” (DICK, 1992, p. 178).

Amaral (2011) salienta que os antropônimos, foco desta pesquisa, formam uma subclasse heterogênea, com distinções linguísticas entre si. Ainda, conforme o autor, “prenomes, sobrenomes, apelidos, hipocorísticos e pseudônimos entre outros itens que são utilizados para nomear os indivíduos” (AMARAL, 2011, p. 64) são alguns dos antropônimos reconhecidos por vários pesquisadores.

Biderman (1998, p. 88) afirma que a “atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana”. Nomear um indivíduo em uma determinada comunidade é uma prática cultural bastante comum, na qual é possível observar uma complexidade legal e cultural no que tange às normas dessa atribuição bem como mudanças de sobrenomes (MEADOW, 1977). As línguas de sinais nomeiam por meio do que chamamos de *sinais*, que são itens lexicais que podem ser equivalentes às palavras nas línguas orais. Esses sinais, quando usados para referenciar uma pessoa em particular, são o que estamos chamando de *senal de nome*.

Os sinais de nome são, culturalmente, tão significativos àqueles que pertencem às comunidades surdas, que podem funcionar tanto como uma espécie de batismo (RECH; SELL, 2020), quanto uma marca de pertencimento (DAY; SUTTON-SPENCE, 2010). Quando uma pessoa surda é filha de pais surdos, geralmente, o sinal de nome lhe é atribuído já nos primeiros dias ou meses de vida. Diferente do que acontece com os ouvintes que, muitas vezes, decidem o nome da criança antes do nascimento, os surdos nomeiam na língua de sinais após o nascimento, pois primeiro observam alguma característica física ou maneirismo para depois atribuir um sinal de nome. Nesse sentido, crianças surdas filhas de pais surdos, recebem um nome oficial na língua oral (que pode ser decidido antes do nascimento) e outro na língua de sinais em que está inserida, após o nascimento. Esse processo também ocorre com

as crianças ouvintes filhas de pais surdos, chamadas de CODAS<sup>2</sup>.

Já os surdos filhos de pais ouvintes recebem seus sinais ao entrar em contato com a comunidade surda, geralmente, nos espaços escolares (YAU; HE, 1989; KOURBETIS; HOFFMEISTER, 2002). No que diz respeito à comunidade surda brasileira, especificamente, não há pesquisas que evidenciem onde e com qual idade os surdos recebem seus sinais de nome, mas é bem provável que isso aconteça no “encontro surdo-surdo”, que se configura como “essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem” (PERLIN, 1998, p. 54). Ademais, é possível que um sinal possa representar um dos adornos que a autora citou, pois, conforme Yau e He (1989), o nome na língua falada e escrita muitas vezes não tem significado para a criança surda, que não ouve e ainda não sabe escrever.

Ouvintes usuários da língua de sinais (como professores bilíngues, intérpretes e pesquisadores da área) recebem seus sinais de nome em cursos de Libras, igrejas, universidades, associações de surdos e demais espaços onde existe a possibilidade de convivência e aprendizado. O recebimento de um sinal pode significar uma inserção na comunidade surda, entretanto, de forma isolada, pois ele não garante um reconhecimento de pertencimento ao referido conjunto social se não vier acompanhado de um efetivo aprendizado e uso do idioma.

Paales (2011) afirma que apesar de não existir uma relação direta da comunidade surda com algumas pessoas, se elas precisam ser referenciadas, estas receberão um sinal de nome, como é o caso dos artistas, atletas, políticos ou qualquer outra figura popular na sociedade. Na mesma direção, Rech e Sell (2020) acrescentam ao grupo autores/pesquisadores falecidos, dentre eles Descartes, Aristóteles, Lev Vygotsky, entre outros.

Em relação à categorização dos sinais de nome é possível identificar algumas propostas apresentadas por teóricos da área em várias línguas de sinais. Supalla (1990), ao analisar os sinais de nome da Língua de Sinais Americana (ASL), identificou duas principais categorias: sinais de nomes arbitrários e sinais de nomes descritivos. Na primeira, estão os sinais de nome que apenas nomeiam, sem qualquer outra significação, ou seja, aqueles que são formados utilizando configurações de mãos que representam as letras do alfabeto manual. Na segunda categoria estão agrupados os sinais de nomes que são nomes motivados por características do indivíduo nomeado.

Os sinais de nomes estonianos foram pesquisados por Paales (2010) e esquematizados

---

2 *Children Of Deaf Adults*. Expressão estadunidense, usada para identificar filhos ouvintes de pais surdos. No Brasil, em outros países da América Latina, Europa e Ásia optaram por não traduzir esse termo (SILVA, 2019).

basicamente em quatro grupos, são eles: arbitrários, descritivos, inicializados/descritivos e emprestados de outra língua. Os dois primeiros seguem a proposta de Supalla (1990), anteriormente mencionada. Portanto, refere-se aos sinais de nomes inicializados/descritivos que são aqueles em que há uma combinação entre as letras iniciais do nome oficial com alguma característica que descreve o nomeado. No último grupo estão agrupados os sinais que têm relação com o significado do nome oficial ou apelido do sujeito.

Para a Língua Brasileira de Sinais, Barros (2018) propôs uma taxonomia a partir de 113 sinais de nomes coletados por meio de entrevistas realizadas com alunos e professores da Universidade Federal de Goiás (UFG). A autora identificou, descreveu e nomeou quatro taxes, que são: os Empréstimos de Língua Oral (ELO), que abrange sinais de nome criados com motivação na língua oral; os Aspectos Físicos (AF), que comporta os sinais de nome motivados por algum aspecto físico da pessoa nomeada; os Aspectos Comportamentais (AC), que apresenta sinais de nome motivados por estado de humor, habilidade cognitiva ou alguma característica comportamental; e, por fim, o Aspecto Social (AS), que compreende os sinais de nome motivados por profissões ou acontecimentos marcantes. Todas as taxes são divididas em outras subtaxes. A pesquisa demonstrou que a maioria dos sinais de nomes estudados tem mais de uma taxe e tal fato:

[...] demonstra uma preferência, na comunidade surda analisada, pela nomeação de pessoas usando alguma referência do seu nome em português combinada a algum aspecto físico notável, totalizando 66 dos 113 sinais-nomes analisados. No entanto, a pesquisa mostra também que outras possibilidades também são bem aceitas, como a utilização das taxes isoladamente, totalizando 25 dos 113 sinais-nomes (BARROS, 2018, p. 21).

Destaca-se que as investigações realizadas até o momento se concentram em analisar os sinais de nomes de pessoas surdas ou ouvintes que são integrantes da comunidade surda. Ainda assim, é importante mencionar o quanto são escassos os trabalhos a respeito da nomeação de indivíduos que não têm conexão com surdos, como autores, escritores, figuras públicas e religiosas (PAALES, 2011). Rech e Sell (2020), com base na proposta de taxe de Barros (2018), investigaram 61 sinais de nomes atribuídos a autores/pesquisadores encontrados na página do Manuário Acadêmico e Escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). De uma maneira geral, aspectos físicos, comportamentais e a combinação da primeira letra do nome com aspectos físicos foram as taxes mais encontradas. As personagens bíblicas também foram nomeadas na Libras e seus sinais estão registrados no *Manual do Clamor do Silêncio* (1991), publicado pela Junta de Missões Nacionais (JMN).

Portanto, reiteramos que o presente artigo busca verificar se a preferência encontrada por

Barros (2018) – nomeação de pessoas a partir do nome em Língua Portuguesa acrescida de outra característica física – também acontece no processo de tradução dos sinais bíblicos. Para tal, a seção 2 resgata a questão do papel dos agentes religiosos na comunidade surda brasileira. A seção 3 consiste em uma breve discussão a respeito das traduções de nomes próprios, baseada em Nord (2003), mais especificamente dos nomes bíblicos, segundo Bailey (2007). Por fim, a seção 4 apresenta a análise dos sinais de nome, seguida das considerações finais.

## 2 A comunidade surda brasileira e o papel dos agentes religiosos

A comunidade surda brasileira está presente em todo o país, sendo desmembrada em diversas comunidades surdas locais. O que esses grupos têm em comum? O uso da Libras, língua que é reconhecida por força da Lei Federal n.º 10.436/02, que em seu artigo primeiro dispõe:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, s.p.).

Esse marco histórico é o resultado de discussões e embates travados na esfera legislativa que teve seu início em 1996, com a criação da Câmara Técnica *O Surdo e Língua de Sinais*, promovida pela Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (Corde), contando com a participação de representantes de universidades, escolas de surdos, instituições que desenvolviam pesquisas na área, bem como representantes da Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (FENEIS) (LODI, 2013).

Assis-Silva (2012) afirma que, durante a história, foi construída uma “configuração discursiva de saber-poder que se impõe de maneira normativa produzindo a surdez como particularidade étnico-linguística” (ASSIS-SILVA, 2012, p. 38). Essa construção foi muito importante para que a Libras fosse reconhecida. Segundo o autor, três agentes<sup>3</sup> tiveram destaques nessa formulação, que são: os religiosos, os ativistas políticos e os intelectuais. No que cabe aos primeiros, o teórico justifica sua pesquisa<sup>4</sup>:

---

3 Segundo Assis-Silva (2012, p. 38), “não se pretende compreender tais agentes como grupos de pessoas, mas fundamentalmente como posições sociais que podem ser ocupadas pelas mesmas pessoas”.

4 Em seu livro *Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade* (2012), o autor discute as relações entre atividades religiosas cristãs e a consolidação do movimento surdo enquanto grupo étnico-linguístico.

Cabe considerar, desde já, que tal investigação foi motivada, principalmente, pela percepção da ampla presença de agentes religiosos no âmbito da surdez; são as instituições religiosas mais atuantes nesse meio que esta tese toma por objeto, a saber, Igreja Católica, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Igreja Batista da Convenção Batista Brasileira e Testemunhas de Jeová. São, certamente, as instituições fundamentais para a produção da surdez como particularidade étnico-linguística no Brasil (ASSIS-SILVA, 2012, p. 40).

A presença da religião na história da comunidade surda também foi percebida por Quadros (2002) ao registrar a presença de tradutores e intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos desde os anos 80. Assis-Silva (2012) relata que, em diversas pesquisas de campo, foi possível encontrar agentes com trajetórias ligadas à religião atuando em escolas de surdos, na Feneis, nas universidades, na política e no que ele denominou de *mercado da Libras*, “no qual atuam professores e intérpretes dessa língua, consultores e intermediadores para a colocação profissional de surdos/ deficientes auditivos em empresas (para o preenchimento de cotas), bem como para a contratação de professores e intérpretes” (ASSIS-SILVA, 2012, p. 40).

Assis e Teixeira (2008) identificaram que pessoas ligadas aos movimentos religiosos foram responsáveis pela publicação de manuais, livros e dicionários com o objetivo de divulgar a mensagem cristã, antes mesmo da Libras ter seu *status* linguístico reconhecido legalmente. Os autores citam como exemplos: o dicionário *Linguagem das Mãos*, organizado pelo padre católico norte-americano Eugênio Oates (1969); o livro *Linguagem dos Sinais do Brasil*, de autoria dos religiosos luteranos e católicos (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983); o material produzido e publicado pela Convenção Batista Brasileira em 1983, denominado *Comunicando com as Mãos*; o dicionário editado pela congregação Testemunhas de Jeová, em 1992, intitulado *Linguagem de Sinais* e o *Manual de Sinais Bíblicos – O Clamor do Silêncio*, publicado pela Junta de Missões Nacionais (JMN), da Convenção Batista Brasileira, no ano de 1991, que servirá como fonte de dados para esta pesquisa.

### 3 Nomes próprios e tradução

Seabra e Isquierdo (2018) reconhecem a riqueza e a importância dos estudos Onomásticos, mostrando também o caráter interdisciplinar dessa ciência que não centra suas pesquisas apenas nos aportes linguísticos, mas dialoga com outras ciências, como a História, a Geografia, a Genealogia, a Arqueologia, entre outras. Amaral e Seide (2020) apontam a relação da Antroponomástica com os Estudos da Tradução e afirmam:



Considerando que os nomes próprios fazem parte da língua e que, em cada idioma, esses elementos apresentam características próprias (embora algumas possam ser compartilhadas quando se pensa em idiomas próximos), é preciso conhecê-las para que textos com nomes próprios sejam traduzidos de modo adequado (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 41).

Dentre os profissionais que atuam e pesquisam a área da tradução, não há consenso a respeito de traduzir, ou não, um nome próprio. Aguilera (2008) aponta que essa decisão está relacionada à macro e à microestrutura dos textos a serem traduzidos. Afirma também que a depender do público para o qual a tradução servirá, os nomes próprios podem ou não ser traduzidos. Por sua vez, Nord (2003), destaca que se conceituarmos “tradução” enquanto um “processo de transferência linguística e/ou cultural” (NORD, 2003, p. 183), os nomes próprios são traduzidos.

Em relação às estratégias de tradução adotadas pelos profissionais da área, ao olhar os textos traduzidos, Nord (2003) observa que várias decisões podem ser tomadas, como: a não-tradução, a transcrição ou a transliteração de alfabetos não latinos (por exemplo, no espanhol *Chaikovski* para o alemão *Tschaikowsky*); adaptação morfológicas para a língua alvo (do inglês *Alice* para o espanhol *Alicia*); adaptação cultural (do inglês *Alice* para o finlandês *Liisa*); substituição (do inglês *Ada* para *Marina* em português), entre outras. A autora ainda esclarece que tradução de ficção e não ficção pouco se diferem, exceto no caso das substituições que não são feitas aos nomes não ficcionais, a menos que considere “tradução” como substituição cultural, como no caso de Carlos I (da Espanha) por Karlos V (da Alemanha).

Nord (2003) admite não haver regras para a tradução dos nomes próprios. Em textos não ficcionais, percebe-se uma padronização quanto ao uso de algum exônimo equivalente, se houver. Em textos ficcionais, a teórica evidencia que o processo é mais complexo, uma vez que esses nomes carregam uma função informativa, mesmo que sutil. Se a informação for explícita, ela pode ser traduzida, embora corra o risco de interferir no marcador cultural; se for implícita, pode ser perdida na tradução, salvo se o tradutor compensar fornecendo informações a respeito do contexto.

Bailey (2007) destaca a importância do desenvolvimento de pesquisas para descobrir quais são as formas de tradução mais apropriadas para uma boa recepção do leitor. O autor pontua que a transliteração é apenas um dos meios para se traduzir nomes próprios e explica que empréstimos de outras línguas e traduções do significado do nome podem ter outras soluções para lidar com essas questões. No tocante às línguas de sinais, o pesquisador levanta a hipótese da necessidade da tradução dos nomes bíblicos, pois poderiam exigir representações simbólicas e significativas (BAILEY, 2007).

Como exemplo, o teórico comenta os sinais atribuídos a Jesus (com alusão às feridas nas mãos) e Pedro (simulando o girar de uma chave) e acrescenta que nomes não importantes e podem ser soletrados de acordo com sua grafia na língua oral, o que equivaleria a um tipo de transliteração.

Visando fornecer orientações aos tradutores da Bíblia, Bailey (2007) apresenta algumas discussões linguísticas, chamando atenção para as principais funções e os diversos significados que um nome pode ter em um determinado idioma. Dentre as recomendações, destacamos as seguintes: atenção ao vocativo, pois ele não opera da mesma forma em todas as línguas; a percepção das emoções que determinados nomes próprios despertam nas pessoas nas diversas comunidades, uma vez que os nomes podem ter significados associativos<sup>5</sup> e evocar sentimentos positivos ou negativos nas pessoas; o conhecimento do significado semântico ou simbolismo, bem como os tabus referentes a alguns nomes em culturas específicas e fatores fonológicos que podem interferir na pronúncia do nome na língua alvo. O teórico adverte que as problemáticas apresentadas devem ser lembradas quando na definição da política a ser adotada ao lidar com os nomes próprios (BAILEY, 2007, p. 4).

Entre as pesquisas citadas nesta seção, apenas Bailey (2007) faz uma breve menção às línguas de sinais; as demais, muito provavelmente, não levaram em consideração a questão da tradução dos nomes próprios pensando nas línguas de sinais, uma vez que não há qualquer tipo de citação a respeito de outras línguas de modalidade viso-espacial. Entretanto, tais análises podem servir de uma direção inicial para se pensar a tradução de nomes próprios nas línguas de sinais.

#### 4 Percurso metodológico e análise

Sob uma vertente exploratória (GIL, 2008), este artigo analisa os sinais de nome de personagens bíblicas, extraídos do *Manual do Clamor do Silêncio* (1991), procurando descrever as diferentes formas de tradução para Libras. Esse compêndio reúne diversos sinais correspondentes a termos bíblicos, que em um primeiro momento serviu para auxiliar as atividades missionárias de evangelização das Igrejas Batistas, mas que, na atualidade, também é utilizado por outras denominações de confissão cristã<sup>6</sup>. Ao apresentar o material, o secretário geral da Junta de Missões Nacionais (JMN) informa:

---

5 Para Van Langendonk (2007, p. 82), os significados associativos estão relacionados “às contações (no sentido não lógico) que uma palavra pode dar origem por meio de seu referente ou de sua forma fonológica” (tradução nossa).

6 Essa constatação é baseada no conhecimento que a autora tem, pois convive com a comunidade surda e com intérpretes de línguas de sinais que atuam em contextos evangélicos e católicos.



Este livro é acompanhado de *O clamor do silêncio* – estratégia para evangelização de surdos. Os sinais foram escolhidos, partindo-se de uma pesquisa sobre o seu significado bíblico e uso em igrejas batistas que já possuem o ministério com surdos. Os que não apresentam significados são os sinais convencionados pela comunidade de surdos, cujo significado é desconhecido. Embora os sinais sejam de fácil compreensão, é necessário, em um primeiro estudo, o acompanhamento de um instrutor, pois um gesto feito de forma incorreta comprometerá todo o significado do sinal (JMN, 1991, s.p.).

Douettes (2015, p. 93) resgata um pouco da história da criação da referida publicação, identificando-a como o primeiro impresso que reuniu vários sinais referentes à temática bíblica. Segundo o autor, a maioria desses sinais foi criada pelo pesquisador surdo Valdecir Menis (que não teve a autoria reconhecida na obra), que procurou desenvolvê-los tendo em vista o seu significado no contexto bíblico. No livro estão registrados 272 sinais relacionados à Bíblia. Conforme o índice são distribuídos da seguinte maneira: sinais de livros da Bíblia; sinais de personagens bíblicas (antropônimos); sinais relacionados às funções/papeis desempenhados; sinais de lugares (topônimos) e outros. Em cada página estão registrados dois sinais, com a identificação em Língua Portuguesa, a explicação da motivação e acrescido, na maioria das vezes, do significado, como exemplificado na Figura 1. Portanto, nesta análise as explicações serão transcritas abaixo das imagens ou notas de rodapé, quando for necessário, tal qual estão registradas no manual, ainda que nem sempre seja possível reconhecer claramente a descrição dos sinais de nome.

**Figura 1.** Sinal de nome: Lucas



Sinal: uma das mãos tocando na outra em X. Extraído do sinal de médico.

Significado: Lucas era médico. Fonte: JMN (1991, p. 23).

No manual *Clamor do Silêncio* constam 101 sinais de nome atribuídos às personagens bíblicas. Para realizar a análise desejada, neste primeiro momento, construímos um quadro com três colunas: as duas primeiras destinadas à imagem do sinal e à transcrição da motivação apresentada no manual, respectivamente e a última traz a aplicação da proposta taxonômica feita por Barros (2018). Após a primeira análise, identificamos que 9 não eram passíveis de aplicabilidade na proposta feita pela autora,

pois 4 sinais de nomes estavam relacionados às questões teológicas e 5 não tinham a identificação da motivação, os quais abordaremos mais ao final desta seção.

Dos 92 sinais de nome restantes, constatamos que apenas 2 são puramente descritivos, ou seja, sem qualquer influência da língua oral e pertencem a uma só *taxe*. São eles: Esaú (sinal motivado pelo excesso de pelo; *taxe* AF) e Moisés (que foi nomeado levando em consideração uma experiência com o divino; *taxe* AS). Todos os demais sinais de nome são formados a partir da Configuração de Mão (CM) que representa a letra inicial do referido nome na Língua Portuguesa, pertencentes unicamente a *taxe* ELO ou acrescidos de mais uma motivação, integrando outras *taxes*.

Para uma melhor visualização, organizamos os dados conforme disposto na Tabela 1 e na sequência do texto abordaremos os achados com mais detalhes.

**Tabela 1.** Quantidade de sinais por *taxe*

<b>Taxe</b>	<b>Quantidade de sinais de nome</b>
Aspecto Físico – AF	1
Aspecto Comportamental – AC	1
Empréstimo na Língua Oral – ELO	20
ELO + AF	3
ELO + AC	11
ELO + AS	56
<b>TOTAL</b>	<b>92</b>

Fonte: Elaboração própria

Os sinais de nome constituídos apenas por motivações oriundas de empréstimos de nomes da língua oral estão divididos em dois grupos. O primeiro diz respeito a 11 que são formados por duas configurações de mão que representam letras do nome. Essa forma de atribuição foi feita aos profetas que titulam os livros bíblicos, que os teólogos chamam de Profetas Maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel) e alguns Profetas Menores<sup>7</sup> (Oséias, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias e Ageu), bem como o sinal atribuído à Calebe. No manual esses sinais de nome não tiveram seus significados evidenciados, uma vez que após os nomes dos profetas apenas as letras que motivaram os sinais foram registradas, conforme visualizamos na Figura 2.

7 Quatro profetas menores ficaram de fora do manual: Joel, Amós, Obadias e Jonas.

**Figura 2.** Sinal de nome: Daniel

Sinal: D e N. Significado: nada consta.

Fonte: JMN (1991, p. 17).

Os demais estão relacionados ao significado do nome: Abimeleque<sup>8</sup>, Absalão<sup>9</sup>, Isaque<sup>10</sup>, Ismael<sup>11</sup>, Abigail<sup>12</sup>, Noemi<sup>13</sup>, Pedro<sup>14</sup>, Barnabé<sup>15</sup> e Ana<sup>16</sup>. André, por exemplo, que no Evangelho de João é identificado como irmão de Pedro, foi nomeado levando em consideração o significado do nome de seu familiar: pedra. Curiosamente, Paales (2011, p. 66) descreve o sinal do primeiro, traduzido para a Língua de Sinais da Estônia, com a configuração de mão em A, mas na mesma região em que é feito o nome segundo, referenciando o relacionamento fraternal. Na Figura 3 são apresentados dois exemplos.

8 Descrição do sinal: CM em A realizando o sinal de divino santo, pois seu nome significa “O Rei Divino é meu pai” (JMN, 1991, p. 36).

9 Descrição do sinal: CM em A. Em seguida, faz-se um movimento simulando a letra Z, terminando com a CM em B), pois seu nome significa “meu pai é paz” (JMN, 1991, p. 36).

10 Descrição do sinal: CM em I representando o sinal de sorrir, pois “seu nome significa sorriso” (JMN, 1991, p. 59).

11 Descrição do sinal: CM em I simulando o sinal de ouvir, pois “seu nome significa que Deus ouve” (JMN, 1991, p. 58).

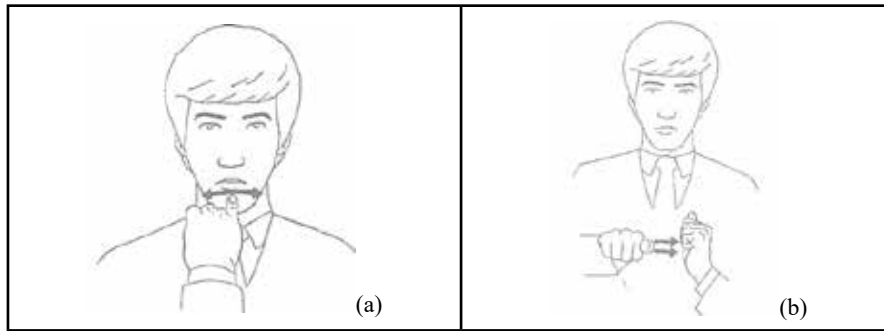
12 Descrição do sinal: CM em A, simbolizando o sinal de “alegria”, pois “seu nome significa alegria” (JMN, 1991, p. 35).

13 Descrição do sinal: CM em N, fazendo um movimento circular no peito, pois “seu nome significa agradável” (JMN, 1991, p. 70).

14 Descrição do sinal: Uma das mãos com CM em P e a outra em A, simulando o sinal de pedra, pois “seu nome significa pedra” (JMN, 1991, p. 30).

15 Descrição do sinal: Uma das mãos com CM em B, reproduzindo o sinal de consolar, pois “seu nome significa filho da consolação” (JMN, 1991, p.41).

16 Descrição do sinal: Uma das mãos com CM em A e o sinal de graça sobre esta CM, pois “seu nome significa graça” (JMN, 199, p. 37).

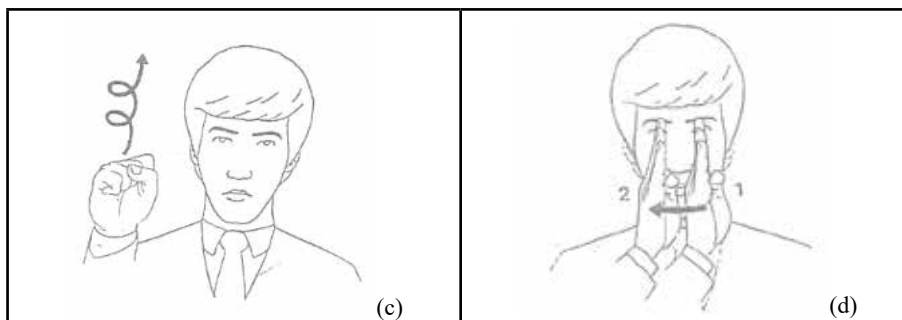
**Figura 3.** Sinais de nome: Isaque e André, respectivamente

(a) Sinal: uma das mãos em I, simulando o sinal de sorrir. Significado: seu nome significa sorriso.

(b) Sinal: as duas mãos em A, caracterizando o sinal de pedra. Significado: irmão de Pedro.

Fonte: JMN (1991, p. 59; 38).

Identificamos 70 sinais de nome que compreendem a taxa ELO acrescidos de três outras taxas: Aspectos Físicos (AF), Aspectos Comportamentais (AC) ou Aspectos Sociais (AS), conforme exposto na Tabela 1. É interessante destacar que diferente dos resultados de Barros (2018), apenas três sinais das personagens tinham alguma relação com suas características físicas (Figura 4): Saul (alto); Zaqueu (baixinho) e Bartimeu (cego). Essa pequena quantidade, provavelmente, está relacionada à falta de conhecimento dos atributos físicos das demais figuras bíblicas. Vale considerar que essas características físicas não foram mencionadas sem uma intenção na Bíblia, mas servem de pano de fundo para as narrativas. Por exemplo: a vontade de Zaqueu em ver Jesus em meio à multidão, mas não conseguia porque era pequeno. Então, ele sobe na figueira e Jesus o vê e diz que quer pousar em sua casa, conforme relatado no Evangelho de Lucas.

**Figura 4.** Sinais de nome: Saul e Bartimeu, respectivamente

(c) Sinal: uma das mãos em S, simulando o sinal de alto. Significado: era alto.

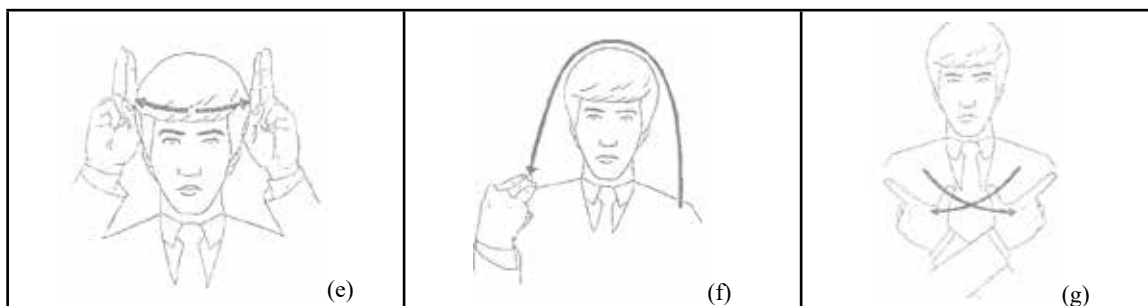
(d) Sinal: uma das mãos em B, representando o sinal de cego. Significado: era cego.

Fonte: JMN (1991, p. 50; 42).

Associados à letra inicial dos seus nomes na Língua Portuguesa, vestimentas e acessórios também motivaram a criação de cinco sinais de nomes (ver exemplos na Figura 5). O sinal de nome atribuído à Rebeca foi motivado pelo costume das mulheres à época usarem o véu na boca. Enquanto

a identificação de Maria (mãe de Jesus), o sinal foi motivado pelo uso do véu na cabeça. Em relação ao significado do sinal do nome Ló, o Manual faz alusão à capa que a personagem usou ao sair de Sodoma. Herodes e Cesar foram nomeados na Libras devido a coroa de louros utilizada pelos imperadores. Na proposta de Barros (2018), esses sinais pertencem a taxa Aspecto Comportamental (AC).

**Figura 5.** Sinais de nome: Herodes, Maria e Ló, respectivamente



(e) Sinal: uma das mãos em H de Herodes, simulando a coroa de louros usada na época. Significado: nada consta.

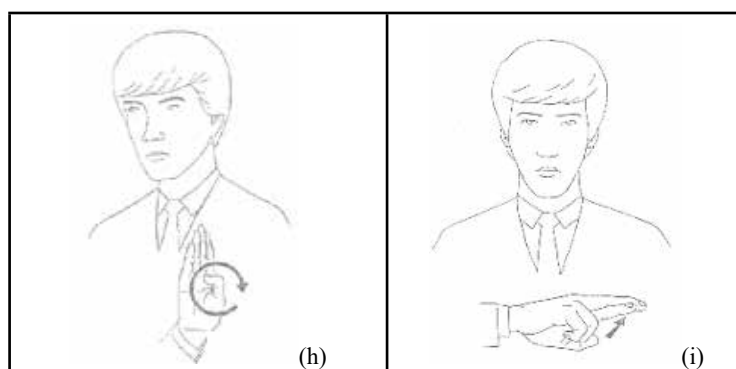
(f) Sinal: uma das mãos passa de um lado a outro da cabeça, representando um véu. Significado: as mulheres tinham como característica usar o véu.

(g) Sinal: as mãos em L, simulando o sinal de capa. Significado: vestiu uma capa antes de sair de Sodoma.

Fonte: JMN (1991, p. 58; 65; 64).

Integrando a taxa AC, Barros (2018) alocou os sinais de nome que foram motivados por aspectos relacionados à personalidade ou a algum comportamento do nomeado. Dentro de nossa análise, tal categoria de sinais de nome foi identificada na forma de nomear seis personagens, são eles: Hamã (orgulhoso), Salomão (sábio), Balaão (curioso), Barrabás (ladrão), Boaz (bom de coração) e Rute (amorosa). Os dois últimos são exemplificados na Figura 6.

**Figura 6.** Sinais de nome: Boaz e Rute, respectivamente



(h) Sinal: uma das mãos em B, fazendo um círculo no coração. Significado: tinha um bom coração.

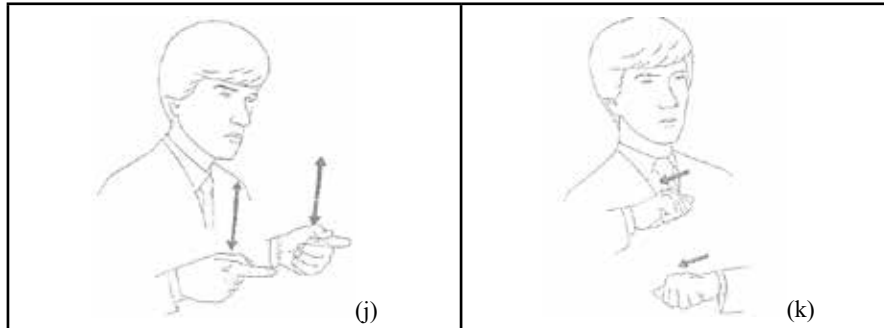
(i) Sinal: R no coração. Significado: amorosa.

Fonte: JMN (1991, p. 43; 9).

As profissões, as funções e os papéis sociais desempenhados por figuras do Antigo Testamento e do Novo Testamento (sacerdotes, reis, juizes, escribas, médico, missionário etc.), também serviram como motivações para a atribuição de um sinal de nome a 25 personagens. Dentre eles estão: Gideão

(mãos em G, simulando o sinal de juiz); Arão (mãos em A, representando o sinal de sacerdote); Dorcas (mãos em D, apresentando o sinal de costureira); Lucas (uma mão em L, caracterizando o sinal de médico). Para exemplificar, selecionamos os dois primeiros sinais, conforme Figura 7.

**Figura 7.** Sinais de nome: Gideão e Arão, respectivamente



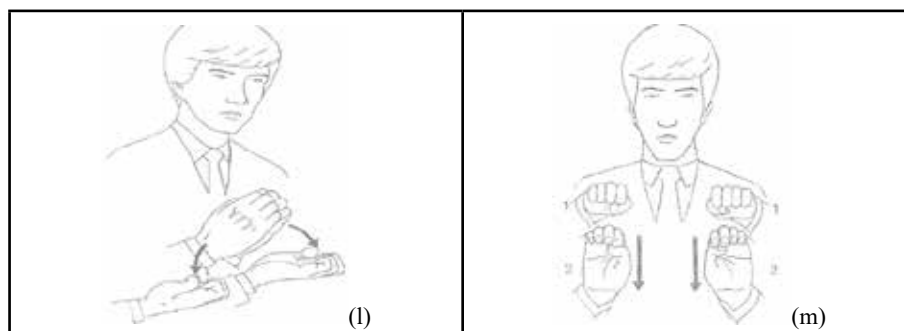
(j) Sinal: as mãos em G, simulando sinal de juiz. Significado: Foi um juiz em Israel.

(k) Sinal: as mãos em A, identificando o sinal de sacerdote. Significado: Arão era um Sacerdote.

Fonte: JMN (1991, p. 55; 39).

Pertencentes ao grupo dos sinais relacionados às funções/papeis desempenhados, cabe evidenciar que 7 sinais de nome foram atribuídos aos indivíduos com marcas que podem indicar um processo metafórico e que necessitam de uma análise mais aprofundada. Para citar alguns exemplos, temos: Esdras é narrado na *Bíblia Sagrada* como escriba e a ele foi atribuído um sinal que, além de ter a inicial do seu nome, simula a abertura de um livro (em relação à profissão exercida). O que também acontece com os reis Ezequias e Uzias, que têm o sinal de trono e com a rainha Ester identificada pelo sinal de coroa. Os referidos objetos utilizados como motivação estão relacionados à posição social das personagens. Para ilustrar, a Figura 8 apresenta os sinais de nome de Esdras e Ezequias, registrados no manual analisado.

**Figura 8.** Sinais de nome: Esdras e Ezequias, respectivamente



(l) Sinal: as duas mãos em E, simulando o sinal de livro. Significado: Por ser escriba, Esdras era responsável pela leitura do Livro da Lei.

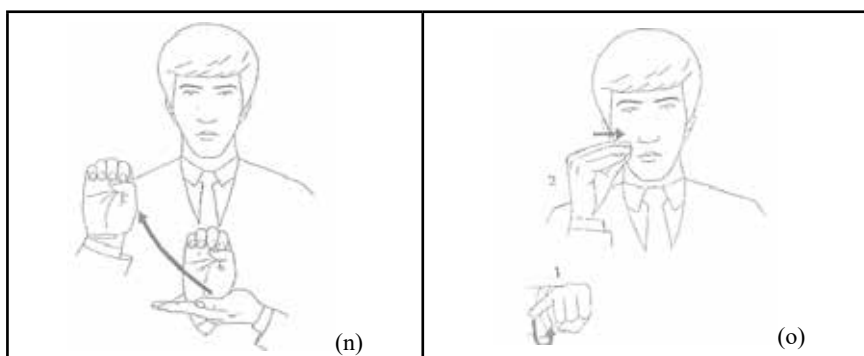
(m) Sinal: as mãos em E abaixando-se, representando um trono. Significado: Esdras foi rei de Judá.

Fonte: JMN (1991, p. 11; 52).



É de amplo conhecimento que a Escritura Sagrada relata muitas histórias a respeito do povo de Israel no Antigo Testamento, assim como da vida de Jesus e do surgimento da Igreja no Novo Testamento. Tais passagens tratam da trajetória de muitas personagens e essa foi a maior motivação encontrada nos sinais de nome. Em outras palavras, 31 figuras bíblicas tiveram seus sinais motivados a determinado aspecto de suas biografias. De maneira geral, é possível identificar algum tipo de experiência com o divino, como é o caso do profeta Elias, que tem seu sinal motivado pelo arrebatamento, bem como alguma vivência com o humano, principalmente, o povo de Israel, como é o caso de Abrão (chamado para ser pai de uma grande nação) e a traição de Judas, sendo esses os marcos biográficos dos nomeados. A seguir, a Figura 9 apresenta o sinal de Judas e Elias.

**Figura 9.** Sinais de nome: Elias e Judas, respectivamente

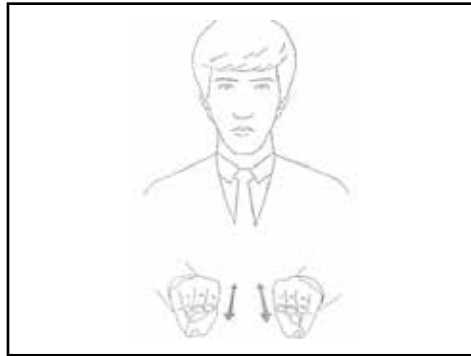


(n) Sinal: uma das mãos em E, simulando o sinal de arrebatado. Significado: Elias foi arrebatado.

(o) Sinal: uma das mãos em J, fazendo-se o sinal de beijar. Significado: Judas traiu Jesus com um beijo.

Fonte: JMN (1991, p. 49; 62).

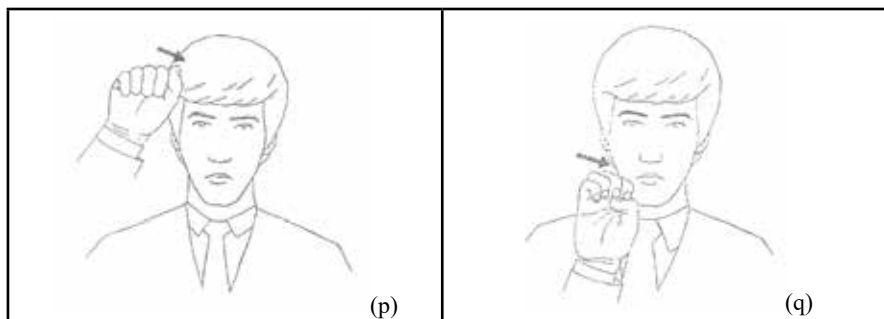
Marcos, Timóteo, Tito e Judas são personagens bíblicas que dão nome a alguns livros do Novo Testamento. Ao verificar as motivações desses sinais, percebeu-se que estão relacionadas às passagens ou às mensagens dos Livros e, não a qualquer atributo do nomeado. O sinal de Marcos (Figura 10), por exemplo, é a CM em M, primeira letra do referido nome em Língua Portuguesa, simulando o sinal de servo. Segundo os teólogos, Cristo é apresentado como servo no referido Evangelho. Desse modo, levantamos a hipótese da nomeação dos livros da Bíblia e não das personagens, o que pode ser investigado em pesquisa posterior.

**Figura 10.** Sinal de nome: Marcos

Sinal: M simulando o sinal de servo. Significado: o livro apresenta Jesus Cristo como Servo de Deus.

Fonte: JMN (1991, p. 22).

Alguns sinais não trazem qualquer explicação. Por isso, seja por meio de algum traço imagético ou alguma informação relacionada à biografia, não foi possível inferir uma possível motivação para além das letras iniciais de seus respectivos nomes em português. São eles: Sara, Priscila, José (pai de Jesus), Adão e Eva (estes últimos são apresentados na Figura 11). De acordo com a pesquisa de Douettes (2015), Moisés, Maria e José já estavam registrados na obra de Oates (1969). Assim, provavelmente, esses sinais já eram conhecidos e foram apenas registrados no manual.

**Figura 11.** Sinais de nome: Adão e Eva, respectivamente

(p) Sinal: uma das mãos em A ao lado da testa para frente. Significado: nada consta.

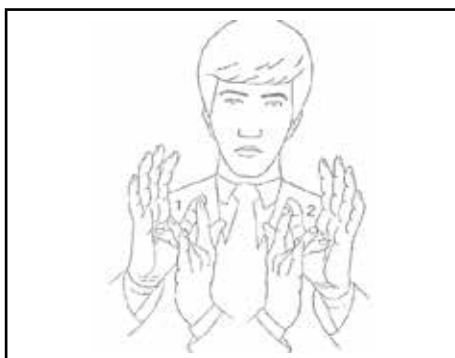
(q) Sinal: uma das mãos em E toca ao lado do queixo. Significado: nada consta.

Fonte: JMN (1991, p. 34; 52).

Em diversas línguas orais, nomes de pessoas famosas, como artistas e políticos, geralmente, não são traduzidos, mas podem sofrer alguma adaptação fonológica. O sinal de nome atribuído a Jesus foi motivado pela sua crucificação (Figura 12), sendo que a mesma representação foi verificada em outras línguas de sinais, tais como da Estônia, Finlândia e França (PAALES, 2011, p. 66), bem como na Língua de Sinais da Espanha, conforme Bailey (2007, p.5). É importante ressaltar que a análise detalhada a respeito das semelhanças na forma de nomeação nas duas línguas não é o foco do presente

artigo, contudo, tal identificação demonstra a riqueza da área e aponta para novas possibilidades de investigação dentro da Antroponomástica Comparada.

**Figura 12.** Sinal de nome: Jesus



Sinal: o dedo médio de uma das mãos toca na palma da outra. Significado: representação

visual das chagas de Jesus.

Fonte: JMN (1991, p. 60).

Assim, alicerçada nos estudos de Barros (2018), que constatou uma possível preferência em atribuir na Libras um sinal de nome motivado pelo seu respectivo prenome na Língua Portuguesa (acrescido ou não de outra característica), a presente investigação teve como proposta verificar se essa máxima também se aplica às nomenclaturas que identificam as figuras bíblicas. Após a análise, foi possível perceber que além do nome da personagem em Português várias foram as motivações que determinaram a tradução de um sinal de nome, com uma maior incidência de sinais motivados por acontecimentos que marcaram a biografia, o papel social ou mesmo a profissão desempenhada. De tal modo que é possível dizer que essa constatação vai, parcialmente, na contramão dos dados apresentados por Barros (2018), para quem a nomeação mais comum na comunidade surda analisada pela autora, associa-se ao nome na Língua Portuguesa acrescido de algum aspecto da aparência física. Uma possível justificativa para essa diferença pode estar relacionada à ausência de imagens ou de descrições da aparência das referidas personagens.

## 6 Considerações finais

Este artigo analisou 92 sinais de nome atribuídos às personagens bíblicas publicadas no *Manual de Sinais Bíblicos – O Clamor do Silêncio* (1991), organizado pela Junta de Missões Nacionais, considerado o primeiro livro que registrou diferentes sinais ligados ao contexto bíblico. De uma forma geral, é possível dizer que os agentes religiosos atuantes na comunidade surda brasileira adotaram

algumas estratégias, provavelmente de forma intuitiva, ao sentirem a necessidade de nomear as referidas personagens. Essas estratégias vão ao encontro do que apontou Bailey (2007, p. 4), como o conhecimento do significado semântico e a percepção dos significados dos nomes, podendo ser equiparado ao que Nord (2003) denominou como “transferência linguística e/ou cultural” (NORD, 2003, p. 183), pois os sinais de nome registrados no manual refletem as características visuais/gestuais da Libras.

Outro aspecto a ser destacado, diz respeito à grande influência da Língua Portuguesa nos sinais de nomes registrados na publicação analisada. Conforme mencionado, uma possível explicação seria o momento histórico, pois a Libras ainda não era reconhecida enquanto língua na época. Não obstante, caberiam investigações mais específicas no sentido de perceber se essa influência também se estendeu para outros nomes (não próprios), bem como na forma de nomear pessoas que participam da comunidade surda brasileira, configurando-se como algo inerente ao período histórico.

Por fim, é importante destacar que este artigo teve como objetivo principal constatar, especificamente, se a proposta apresentada por Barros (2018) também se aplica aos sinais de nome das personagens bíblicas. Com a presente investigação foi possível compreender que as características físicas ou os elementos linguísticos que configuram o prenome do sujeito em Língua Portuguesa não são os únicos motivadores para a criação de um sinal de nome, conforme os estudos da referida pesquisadora. Isso porque, como constatado a partir da análise das imagens e das informações apresentadas no manual da JMN outras motivações determinaram a tradução e a representação visuoespacial de um sinal de nome. Dentre as motivações, pode-se destacar a maior incidência de sinais motivados por acontecimentos que marcaram a biografia, o papel social ou mesmo a profissão desempenhada pelos indivíduos retratados nas Escrituras Sagradas.

Salientamos que nomear é uma atividade que faz parte do ser humano e estudar as práticas de nomeação colabora de forma significativa para entendermos os vários aspectos de uma comunidade, inclusive o religioso. Portanto, espera-se que este trabalho contribua com os estudos a respeito da comunidade surda brasileira, que coexistem no mesmo território de uma outra comunidade linguística majoritária e necessita nomear a partir de uma perspectiva visual.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Elvira Cámara. The Translation of Proper Names in Children's Literature. *E-f@abularions/e-f@bulações*. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribui para uma tipologia de Antropônimos do Português Brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 63-82, 2011.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.
- ASSIS-SILVA, César Augusto de. *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- ASSIS-SILVA, César Augusto de; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Entre a “cultura surda” e a cura da surdez: análise comparativa das práticas da Igreja Batista e da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. *Revista Cultura y Religión*, Chile, v. 2, n. 3, p. 01-17, dez., 2008.
- BAILEY, Nicholas A. Proper Names in the Bible: translation and transliteration issues. *Word & Deed*, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324574446\\_Proper\\_Names\\_in\\_the\\_Bible\\_translation\\_and\\_transliteration\\_issues\\_Word\\_Deed\\_2007](https://www.researchgate.net/publication/324574446_Proper_Names_in_the_Bible_translation_and_transliteration_issues_Word_Deed_2007). Acesso em: 03 abr. 2020.
- BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: A motivação dos Sinais-nomes. *RE-UNIR*, Rondônia, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BRASIL. *Decreto n.º 5.626*. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 28 mar.2020.
- BRASIL. *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras; e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 28 mar. 2020.

DAY, Linda.; SUTTON-SPENCE, Rachel. British sign name customs. *Sign Language Studies*, Whashington, v. 11, n. 1, p. 22-54, 2010.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH, 1992.

DOUETTES, Brenno Barros. *A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilingue*. 2015. 440p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.

HOEMANN, Harry.; OATES, Eugenio; HOEMANN, Shirley. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1983.

JMN. Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. *Manual de Sinais Bíblicos – O Clamor do Silêncio*. Rio de Janeiro, 1991.

KOURBETIS, Vassilis.; HOFFMEISTER, J. Robert. Name signs in Greek Sign Language. *American Annals of the Deaf*, Whashington, v. 147, n. 3, p. 35-43, 2002.

LODI. Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto n.º 5.626/05. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, jan./mar., 2013.

MEADOW, Kathryn P. Name signs as identity symbols in the Deaf community. *Sign Language Studies*, Whashington, v. 16, p. 237-246, ago., 1977.

NORD, Christiane. Proper Names in Translation for Children: Alice in Wonderland as a Case Point. *Meta*, Montreal, v. 48, n. 1-2, p. 182-196, maio, 2003.

OATES. Eugenio. *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Livro S.A., 1969.

PAALES, Liina. Name signs for hearing people. *Folklore*, Estônia, v. 47, p. 43-76, 2011.

PAALES, Liina. On the System of Person-Denoting Signs in Estonian Sign Language: Estonian Personal Name Signs. *Sign Language Studies*, Whashington, v.10, n. 3, 2010.



PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 51-73.

QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEE, 2002.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. *Revista Onomástica desde a América Latina*, Cascavel, v. 1, n. 2, p. 67-82, 2020.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SILVA, Maitê Maus da. O CODA, filhos ouvintes de pais surdos, e a tradução e a interpretação de Libras: O que encontramos? *Bela Infieis*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 37-53, 2019.

SUPALLA, Samuel J. The arbitrary name sign system in American Sign Language. *Sign Language Studies*, v. 67, p. 99-126, 1990.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VAN LANGENDONK, Willy. *Theory and typology of proper names*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

YAU, Shun-chiu.; HE, Jingxian. How Deaf children in a Chinese school get their sign names. *Sign Language Studies*, Whashington, v. 65, p. 305-322, 1989.